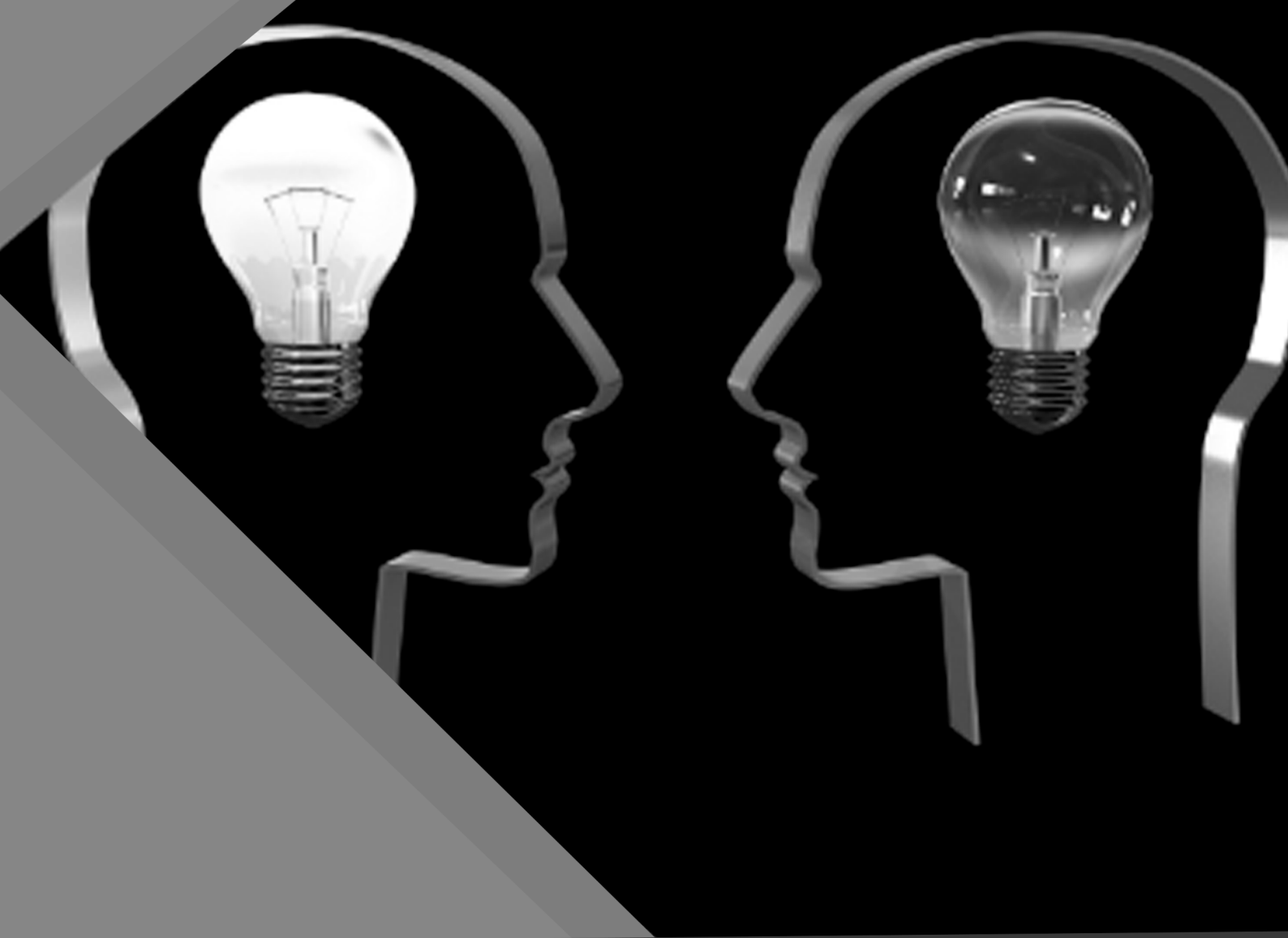




Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas 2



Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas 2

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

ados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D611	<p>Discussões interdisciplinares no campo das ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do E. Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-128-2 DOI 10.22533/at.ed.282202306</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Santo, Janaína de Paula do E.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas se constitui em uma coletânea de artigos preocupada em apresentar e discutir a miríade de possibilidades das humanidades enquanto área de conhecimento. A interdisciplinariedade tem sido uma busca e um alvo constante nas discussões da área, e do processo de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento. Isso está presente na formação da palavra, composta pelo prefixo inter, ou seja, dentro, entre, e a palavra disciplinar, que marca, o sentido pedagógico de um campo ou de uma área de pesquisa. Reconhecer as ciências humanas como um espaço plural e em constante diálogo tem sido um dos desafios dos últimos tempos. Trata-se de um processo dinâmico, que busca a compreensão ampliada dos diferentes saberes.

Neste sentido evocamos a noção de interdisciplinaridade de Weil, D'Ambrosio e Crema (1993) que chamam a atenção para o aspecto de síntese do conceito, e a possibilidade de abarcar, em diálogo, duas ou mais disciplinas, constituindo um discurso em diferentes níveis, que são caracterizados por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais, nos diversos campos científicos. Ainda neste sentido, mas em um olhar ainda mais abrangente, Lück (1999) aponta que a interdisciplinaridade é um processo que envolve a integração e o engajamento de pesquisadores, num trabalho conjunto. Essa interação visa, especialmente se contrapor à fragmentação do conhecimento em um empenho para alcançar um ambiente de saberes cidadãos, de uma visão mais ampla de mundo, do enfrentamento de problemas complexos, do conhecimento amplo como uma ferramenta de interpretação da realidade, e por consequência, da construção de amplitude nos processos de olhar o mundo.

Há que se caminhar, cada vez mais para a visão de um conhecimento circular e dinâmico, constitutivo e dialógico, de formação de sentidos para a experiência no mundo, no tempo e no espaço, que fortaleçam, demonstrem e explorem, cada dia mais, o impacto da percepção humana no processo de absorção do conhecimento (ou seja, o modo de ver, classificar e elaborar) para além da ideia de uma ferramenta de análise, mas, muito especialmente, como uma forma de estimular o pensamento. Um canal de formação de sentidos.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA PRÁXIS EXTENSIONISTA – INDICADORES DE AUTOGESTÃO NA INCUBAÇÃO DO <i>NÚCLEO DE PRODUÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BEM DA TERRA/RS</i>	
Tiago de Garcia Nunes Samantha Vieira Zschornack Diego Rodrigues Gonçalves Solaine Gotardo	
DOI 10.22533/at.ed.2822023061	
CAPÍTULO 2	13
CAMELÔS E PREFEITURA MUNICIPAL: TERRITORIALIDADES E CONFLITOS NO CENTRO COMERCIAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)	
Alessandra Oliveira Teles	
DOI 10.22533/at.ed.2822023062	
CAPÍTULO 3	26
SOBRE DUALISMOS E COMPLEMENTARIDADES: NA CIÊNCIA, A FLUIDEZ EM PERSPECTIVA	
Rodrigo Dutra Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.2822023063	
CAPÍTULO 4	45
AS CATEGORIAS: REGIÃO, COMUNIDADE E TRADICIONAL NO CONTEXTO HISTÓRICO DO GRUPO SOCIAL DE CANABRAVA	
Letícia Aparecida Rocha Edivaldo Ferreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.2822023064	
CAPÍTULO 5	59
A MEDIAÇÃO COMO MÉTODO ADEQUADO DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NA SEARA FUNDIÁRIA NA AMAZÔNIA	
Jessyca Fonseca Souza	
DOI 10.22533/at.ed.2822023065	
CAPÍTULO 6	71
A MISSÃO FRANCESA: UMA REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS <i>ANNALES</i> NO BRASIL NOS ANOS 30	
André Augusto Abreu Villela	
DOI 10.22533/at.ed.2822023066	
CAPÍTULO 7	88
A REVOLTA NOBILIÁRIA DE 1272/1273 NA CRÔNICA DE ALFONSO X, O SÁBIO	
Luiz Augusto Oliveira Ribeiro Jaime Estevão dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.2822023067	

CAPÍTULO 8	100
DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: DIÁLOGOS EMANCIPATÓRIOS EM PODCAST E VIDEO	
Vera Borges de Sá Isabelle Barbosa da Silva Julianne Ferreira de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.2822023068	
CAPÍTULO 9	111
IDENTIDADE E DIFERENÇA: NOTAS INTERDISCIPLINARES PARA A PESQUISA JUNTO AOS POVOS INDÍGENAS E COMUNIDADES QUILOMBOLAS	
Diana Cibele de Assis Ferreira Halda Simões Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2822023069	
CAPÍTULO 10	121
POLÍTICAS PÚBLICAS NA AGENDA SOCIAL QUILOMBOLA: PERCEPÇÕES E DESAFIOS	
César Augusto Fernandes Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28220230610	
CAPÍTULO 11	136
INVESTIGAÇÃO DO DIMORFISMO SEXUAL EM ESQUELETOS HUMANOS ATRAVÉS DA MEDIÇÃO DOS OSSOS DO QUADRIL	
Ellen Mayara Lima Silva Marcela Martins da Silva Nascimento Taciana Rocha dos Santos Carolina Peixoto Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.28220230611	
CAPÍTULO 12	143
O ETERNO RETORNO DOS MORTOS E DEUSES: UMA LEITURA DO CONCEITO EM <i>ARAWETÉ: OS DEUSES CANIBAI</i> S	
Maria Carolina Moreira Moracci	
DOI 10.22533/at.ed.28220230612	
CAPÍTULO 13	154
LEIBNIZ: UM HOMEM A FRENTE DE SEU TEMPO, FILÓSOFO, MATEMÁTICO E CRISTÃO ECUMENICO	
Izaías Geraldo de Andrade Maria das Dores Andrade de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.28220230613	
CAPÍTULO 14	167
MEMÓRIA COLETIVA E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	
Leila Sala Prates Ferreira Tânia Rocha Andrade Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.28220230614	

CAPÍTULO 15	176
MIGRAÇÕES E MOBILIZAÇÃO PARA O TRABALHO NA HISTÓRIA DA MODERNIZAÇÃO	
Allan Rodrigo de Campos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28220230615	
CAPÍTULO 16	189
MULTIDIMENSÃO DAS DEMÊNCIAS EM IDOSOS	
Márcia de Oliveira Siqueira	
Leonardo Saraiva	
Lia Mara Wibelinger	
DOI 10.22533/at.ed.28220230616	
CAPÍTULO 17	198
OS EFEITOS DO CONSUMISMO NAS RELAÇÕES SOCIAIS: O DESCARTE DO OUTRO NA MODERNIDADE LÍQUIDA	
Matheus Luiz de Souza Céfaló	
DOI 10.22533/at.ed.28220230617	
CAPÍTULO 18	214
PARADIGMAS DE DESENVOLVIMENTO NA ERA DO NEOLIBERALISMO PROGRESSISTA: AS MUTAÇÕES DO CAPITALISMO E O PAPEL DA CRÍTICA	
Natália Sant Anna Torres	
DOI 10.22533/at.ed.28220230618	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

A MISSÃO FRANCESA: UMA REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS *ANNALES* NO BRASIL NOS ANOS 30

Data de aceite: 17/06/2020
Data de submissão: 30/04/2020

André Augusto Abreu Villela

Graduado em História pelo Centro
Universitário UNI-BH

Graduado em Ciências Sociais pela UNIFRAN
Belo Horizonte – Minas Gerais

<http://lattes.cnpq.br/2046977314240766>

RESUMO: Este presente artigo tem como pretensão analisar a influência da historiografia francesa no Brasil nos anos de 1930, seja na fundação da USP em 1934 ou na fundação da Universidade do Distrito Federal em 1935, onde a chamada “missão francesa” enviou ao Brasil professores como Henri Hauser, Roger Bastide, Paul Arbousse-Bastide, Braudel, Lévi-Strauss, Pierre Monbeig, entre outros, no sentido de “catequizar” e “civilizar” a nação brasileira, onde até então operava nosso passado obscuro, não civilizado e anti-cristão.

PALAVRAS-CHAVE: Annales, USP, Missão Francesa, Nação Imaginada e Etnocentrismo.

THE FRENCH MISSION: A REFLECTION ON THE INFLUENCE OF *ANNALES* IN BRAZIL IN THE 30'S

ABSTRACT: This present article intends to analyze the influence of French historiography in Brazil in the 1930s, is the USP of the foundation in 1934 or in the founding of the Federal District University in 1935, where the so-called “French mission” sent to Brazil teachers as Roger Bastide, Paul Arbousse-Bastide, Braudel, Lévi-Strauss, Pierre Monbeig, among others, to “evangelize” and “civilize” the Brazilian nation, where it had operated our dark past, uncivilized and anti-Christian.

KEYWORDS: Annales, USP, French Mission, Imagined Nation and Ethnocentrism.

NAÇÕES IMAGINADAS: UM DIÁLOGO ENTRE BENEDICT ANDERSON, ERIC HOBSBAWM E STUART HALL

Como podemos definir o conceito de nação? Segundo o pensamento de Benedict Anderson (1991), são comunidades políticas imaginadas. Ernest Renan (1991), em seu famoso discurso sobre o tema, disse que três coisas constituem o principio de nação: “a posse em comum de um rico legado de memórias, o desejo de viver em conjunto e a

vontade de perpetuar, de uma forma indivisiva, a herança que recebeu”. (HALL, 2014, p. 19).

Segundo bem analisou Lilia Schwarcz (2008), é possível dizer que nações não possuem data de nascimento identificada num registro oficial e que a morte delas, quando ocorre, nunca tem uma causa “natural”. Como o próprio Anderson propõe, mais do que inventadas, nações são imaginadas, constituem objetos de desejos e projeções. Podemos então pensar que a língua, a cultura, os heróis, a etnia comum e a religião, entre outras, são peças importantes para gerar em nós um sentimento de pertencimento, um sentimento de nação dentro de cada um. Assim como o samba, o carnaval e o futebol se tornaram marca de uma brasilidade, como explica Schwarcz (2008), é por eles que morremos ou defendemos a nacionalidade.

Magnoli (2009) menciona como o samba, o futebol e até mesmo a própria religião se tornaram fatores preponderantes no processo de criação de uma identidade nacional por parte dos brasileiros.

Nos amplos domínios da cultura, a conversão da mestiçagem em traço definidor da nacionalidade teve variadas repercussões. O samba articulou-se como gênero musical do início do século XX no Rio de Janeiro, e a Deixa Falar, escola de samba pioneira, foi fundada no morro do Estácio por Ismael Silva, em 1928. Anos depois, o jornal Mundo Sportivo patrocinou o desfile inaugural de escolas de samba. O futebol converteu-se em esporte nacional de massas nos anos 1920 e, em 1923, o Vasco da Gama tornou-se o primeiro clube brasileiro a admitir negros em sua equipe. Em 1929, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, uma santa “mestiça como os brasileiros”, foi elevada a padroeira do Brasil. (MAGNOLI, 2009, p. 156).

Em particular no caso do Brasil, é muito nítido que em 1822, ano da Independência, naquele momento criava-se o Estado, porém faltava talvez o elemento essencial, o sentimento de nação e de pertencimento por parte dos brasileiros. O IHGB¹ foi de fundamental importância para o contexto político brasileiro da época, abalado por revoltas separatistas durante o governo provisório. A criação dessa entidade ligada à monarquia foi relevante para que o país não se fragmentasse, criando uma memória e um sentimento de nação até então desconhecidos no Brasil, como bem descreve Schwarcz (1993) em seu livro *O Espetáculo das Raças*:

Sediado no Rio de Janeiro o IHGB surgia como um estabelecimento ligado a forte oligarquia local, associada financeira e intelectualmente a um “monarca ilustrado” e centralizador. Em suas mãos estava a responsabilidade de criar uma história para a nação, inventar uma memória para um país que deveria separar, a partir de então, seus destinos da antiga metrópole europeia. (SCHWARCZ, 1993, p.32,33).

Para conceituar nação, faremos uso de outros dois historiadores, marxistas, e que fizeram parte do movimento inglês denominado *New Left Review*, um modelo de marxismo mais conservador, voltado mais para uma análise cultural do que economicista, que tinha entre seus membros Christopher Hill, Edward Thompson, Hobsbawm, Stuart Hall entre

1 O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi fundado em 21 de outubro de 1838 e tem por finalidade preservar a cultura nacional, estimular os estudos históricos, geográficos e de outras ciências sociais sobre o Brasil e reunir e divulgar documentos relativos a sua formação e identidade, com vistas à preservação da memória nacional. (<http://www.ihgb.org.br/>)

outros.

Eric Hobsbawm (2013), em seu livro *Nações e Nacionalismos desde 1780*, tem ele uma visão um pouco diferente de Anderson, por isso julgamos importante fazer essa interlocução entre autores diferentes, e pensamentos diferentes, para assim chegar a uma síntese do significado de nação. Hobsbawm (2013) começa mostrando como se dá o conceito de nação em diversas culturas.

Antes de 1884, a palavra *nación* significava simplesmente “o agregado de habitantes de uma província, de um país ou de um reino” e também “um estrangeiro”. Mas agora era dada como “um Estado ou corpo político que reconhece um centro supremo de governo comum” e também “o território constituído por esse Estado e seus habitantes, considerados como um todo”. (HOBSBAWM, 2013, p. 27).

Mais abaixo Hobsbawm (2013) irá descrever outro conceito de nação, descrito na *Enciclopédia Brasileira*.

Na recente Enciclopédia Brasileira Mérito, a nação é “a comunidade de cidadãos de um Estado, vivendo sob o mesmo regime ou governo e tendo uma comunhão de interesses, a coletividade de habitantes de um território com tradições, aspirações e interesses comuns subordinados a um poder central que se encarrega de manter a unidade do grupo. (HOBSBAWM, 2013, p. 28).

E, por último, a citação espanhola do conceito de nação, também utilizado por Hobsbawm (2013) em seu livro.

No dicionário da Academia Espanhola, a versão final de “nação” não é encontrada até 1925, quando é descrita como “a coletividade de pessoas que tem a mesma origem étnica, e, em geral, falam a mesma língua e possuem uma tradição comum. (HOBSBAWM, 2013, p. 28).

Por essas análises podemos chegar a duas conclusões: a primeira é a de que o conceito de nação, de comunidades imaginadas, é um conceito recente na historiografia; e a segunda é a de que o conceito de nação irá mudar, dependendo do conceito vigente em cada localidade do globo, ou seja, o conceito de nação para um asiático poderá ser diferente do de um latino americano, como poderá ser diferente para um europeu. Por isso o cuidado ao analisar aqui o conceito de nação, já que tanto Anderson como Hobsbawm tentaram “deseuropeizar” o conceito de nação.

Outro conceito importante citado pelos dois historiadores é o de nacionalismo. Ele será de grande importância na formação dessas comunidades imaginadas, como cita Gellner (1991): “O nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele inventa nações onde elas não existem”.

Como bem coloca Anderson (1991), acerca da construção de uma nacionalidade.

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula nação jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos

Como cita Hobsbawm (2013), em relação a Benedict Anderson, a nação moderna é uma “comunidade imaginada” e não há dúvida de que pode preencher o vazio emocional causado pelo declínio ou desintegração, ou a inexistência de redes de relações ou comunidades humanas reais; mas o problema permanece na questão de porque as pessoas, tendo perdido suas comunidades reais, desejam imaginar esse tipo particular de substituição. (HOBSBAWM, 2013).

Já segundo o pensamento de Hall (2014), no mundo moderno no qual estamos inseridos, as culturas nacionais em que nascemos e vivemos se constituem de uma das principais fontes de nossa identidade cultural, como no caso do Brasil se expressa através principalmente do samba e do futebol. Hall vai ainda dizer que essas identidades não estão literalmente impressas ou marcadas em nossos genes. Porém, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2014).

Em seu livro intitulado *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall (2014) irá discutir a questão da globalização e como essa tem abalado sistematicamente o conceito de nacionalismo no mundo pós-moderno. E como tem sido difícil de se conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do constante bombardeamento e da infiltração cultural.

Nosso modelo de mundo contemporâneo acaba nos bombardeando diariamente através de notícias da TV, internet, rádio, jornais e qualquer outro meio de comunicação que consiga nos alcançar e nos submeter a uma cultura diferente e estrangeira. O que de certa forma fica reduzida a uma espécie de língua franca internacional ou a uma moeda global, que nos dias atuais é a língua inglesa, e a moeda, o dólar norte-americano.

Como bem coloca Hall (2014), as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos, discursos e representações. Vemos que, no caso do Brasil, a construção desse projeto de nacionalidade se deu com a criação de símbolos, de hinos, de bandeiras, de heróis, tudo isso para nos trazer um sentimento nacionalista e para nos convencer de que pertencíamos a essa nação, como muito bem coloca Carvalho (2011) em seu livro *A Formação das Almas*, onde o autor vai narrando como se deu a construção do imaginário durante a República e como foi arquitetado o projeto da nossa brasilidade, com os artifícios citados acima.

Carvalho (2011) mostra como o imaginário é poderoso na construção de um sentimento de nacionalismo.

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem duvida, mas também – e é o que aqui me interessa – por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses,

aspirações e medos coletivos. Na medida em que tenham êxito em atingir o imaginário, podem também plasmar visões de mundo e modelar condutas. (CARVALHO, 2011, p. 10, 11).

Como cita Schwarcz (2008), pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade”. (SCHWARCZ, 2008, p. 106)

No diálogo entre Benedict Anderson e Stuart Hall, percebemos que muitas vezes as diferenças que se configuram entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais são imaginadas. Aqui Hall cita um grande patriota britânico, chamado Enoch Powell, que diz: “A vida das nações, da mesma forma que a dos homens, é vivida, em grande parte, na imaginação”. (HALL, 2014)

Já que o conceito de nação, segundo Anderson (1991), são comunidades políticas imaginadas, caberá a nós, analisarmos qual o sentido de nação pensado e imaginado por Sérgio Buarque de Holanda. Assim como Simon Bolívar imaginou e prospectou uma grande nação na América Hispânica, chamada Grã-Colômbia, em que sonhava com um grande império, unificado principalmente pela língua e pela cultura latina.

Sendo assim, tem-se a necessidade de desconstruir tudo aquilo que foi construído ao longo dos anos acerca de Sérgio Buarque de Holanda, seja nos livros, revistas, biografias, opiniões públicas, entre outros. Como bem colocou em seu livro, *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Stuart Hall, faz um paralelo entre a sociedade contemporânea e as sociedades mais antigas, onde o conceito de identidade e relações irá mudar drasticamente na pós-modernidade. Segundo Hall, as relações na sociedade contemporânea são relações superficiais, efêmeras, fluidas, onde o sujeito moderno se torna fragmentado, sem uma identidade fixa. Assim, chamada “crise de identidade”, é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2014).

Analisando Sérgio Buarque, percebe-se a flutuação do intelectual em vários meios, seja no meio acadêmico, seja nas relações de amizade, não tendo ele uma identidade fixa, percebe-se um sujeito fragmentado, que mantém relações em todas as esferas públicas e intelectuais. Sérgio representa muito bem o conceito de homem pós-moderno proposto por Hall (2014), onde se desloca com muita facilidade entre suas redes de sociabilidade, seja como modernista carioca, seja como modernista paulista, entre os jornais para o qual escreveu, as amizades que manteve, as cartas trocadas com intelectuais acerca de projetos, e por fim sua maior aproximação com a USP, onde a partir desse momento, assume uma identidade mais paulistana, ligada principalmente a historiografia francesa dos *Annales*.

A pré-história dos *Annales*: tempos de Marc Bloch e Lucien Febvre

Antes de tudo, é importante analisar e conhecer o terreno e o ano em que foi fundada

a revista dos *Annales* para se compreender como seu deu sua vitória e sua hegemonia em relação a outros projetos historiográficos. O ano de sua fundação é emblemático, 1929, ano esse marcado profundamente pelo crack da bolsa de Nova York, onde a crise no sistema econômico e financeiro põe a prova o sistema capitalista, levando milhares de pessoas a desempregos, fome e miséria. Como cita Le Goff: “Não é por acaso que os *Annales* nasceram em 1929, o ano da grande crise”. (GOFF, 1978, p. 214). François Dosse cita em seu livro *A História em Migalhas* como que a quebra da economia em escala mundial, abala a crença da ideia de progresso contínuo da humanidade em direção ao acúmulo de bens materiais. (DOSSE, 2003, p. 34). Já o historiador Pierre Chaunu, professor da Sorbonne, protestante e conservador, diz que “Tudo começa no horizonte de 1929-1930. A medida entrou na história através dos preços, o choque aconteceu no dia seguinte a crise de 1929”. (CHAUNU, 1974, p. 56). A geração que fundou os *Annales*, é uma geração que cresceu e se formou às vésperas da Primeira Grande Guerra, e se concretizou no período entre guerras, período esse mais produtivo dessa geração de intelectuais, um momento singular e ímpar na história da cultura e da civilização europeia, que foi marcado por um momento de crise, de abalos das certezas, e da crise dos fundamentos gerais da própria razão. Pondo fim a ideia de uma Europa triunfalista e um progresso contínuo da humanidade. Cabe salientar que intelectuais desse período destaca-se Norbert Elias, Fernand Braudel, Marc Bloch, Lucien Febvre, Paul Ricœur, entre outros, que atingiram seu auge intelectual no período entre guerras.

Os tempos de Braudel e de Elias foi o de uma Europa marcada pela barbárie das duas guerras mundiais, pela tragédia da ascensão do nazismo, do fascismo e do franquismo, pelos efeitos destrutivos da crise econômica de 1929 e pela perda de uma hegemonia europeia sobre o mundo, que remontava ao século XVI. Ao mesmo tempo, esta será a Europa do florescimento de projetos críticos e contraculturais tão importantes como a Escola de Frankfurt, o marxismo gramsciano, a psicanálise de Freud, os círculos linguísticos de Viena e de Praga, a antropologia crítica inglesa ou a historiografia dos *Annales d'Histoire Economique ET Sociale*, entre muitos outros. (ROJAS, 2003, p.430).

Além de todos fatos citados, encontramos ainda os efeitos da Primeira Guerra Mundial 1914-1918, anunciando assim o fim da Belle Époque, levando a Europa a um período de crises e incertezas enquanto ao que virá no futuro, ou como dizem alguns historiadores, a Europa cometeu “suicídio” no século XX.

A guerra anuncia o fim da Belle Époque para uma Europa em que se percebe as primícias do declínio ou da decadência. Antes da guerra, tudo se decidia na Europa. O discurso eurocêntrico dos historiadores correspondia bem a um mundo unificado pelo capitalismo e dominado por Londres e Paris. Ao sair da guerra, a Europa está enfraquecida pela sangria humana que se eleva a vários milhões de mortos, pela destruição material, mas sobretudo pela ascensão de novas potências bem mais dinâmicas, como o Japão e principalmente os Estados Unidos. (DOSSE, 2003, p. 36).

Febvre afirma: “A crise da história não foi uma doença específica que atingisse unicamente a história. Foi e é um dos aspectos, o aspecto propriamente histórico de uma grande crise do espírito humano.” (FEBVRE, 1953, p. 26). Peter Burke, em seu livro

A *Escola dos Annales 1929-1989* diz que a revista foi planejada, desde o começo, para ser algo mais do que uma outra revista histórica. De certa forma pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Como ele mesmo cita, seria o porta-voz, ou porque não o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história. (BURKE, 1990). Sendo assim, percebe-se nos fundadores, a necessidade de um intercâmbio intelectual com outras disciplinas, como a psicanálise, a sociologia, geografia, antropologia entre outras. Como cita *Dosse 2003*, “O questionamento do evolucionismo, da ideia de progresso, desloca a reflexão da história para outros terrenos, exteriores ao seu próprio território”. (DOSSE, 2003, p. 40). Segundo Burke (1990), os *Annales*, podem ser divididos em três fases. A primeira constitui até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que é chamada de fase de formação. A segunda já com Braudel como líder, vai até o fim da década de 70, a terceira fase é marcada principalmente pelas história das mentalidades, mesmo Bloch e Febvre já fazendo uso desse artifício em *Os Reis Taumaturgos* e *a Religião de Rabelais*, ela só vai se concretizar nos *Annales* na terceira geração, lá pelos fins da década de 70. Duby, Le Goff, Pierre Nora e Michel Vovelle, são os principais nomes dessa geração. (BURKE, 1990).

O primeiro exemplar da revista sai em 15 de janeiro de 1929, dando proeminência a história econômica, em sobreposição a história política. Essa primeira fase da revista vai até os anos de 1959, onde Febvre passa a direção da revista a Fernand Braudel, dando assim início a segunda geração dos *Annales*, período onde a historiografia francesa vai se estabelecer com proeminência em relação a outros projetos historiográficos. Como cita Febvre: “Os *Annales* começaram como uma revista de seita herética. É necessário ser herético”. Declarou Febvre em sua aula inaugural no Collège de France. (FEBVRE, 1953).

Os anos em Estrasburgo, a influência da historiografia alemã nos *Annales*

Estrasburgo, cidade situada ao leste da França, que passa ao controle alemão, depois da Guerra Franco-Prussiana em 1871, e logo depois em 1918, após o termino da Guerra, volta a ser território Frances. Significativo notar que Marc Bloch e Lucien Febvre se conhecem na universidade de Estrasburgo, até então território extremamente germanizado, e a partir daquele momento começa a germinar a ideia da criação de uma revista voltada para a chamada história problema. De um lado um projeto historiográfico Frances em rivalidade com o projeto historiográfico alemão, disputando palmo a palmo a supremacia da escrita da história. O projeto Francês, que também é ligado aos *Annales*, e que propunham uma guerra simbólica pela dominação da historiografia em nível mundial. Rivalizando com outras potências ocidentais, como o projeto inglês, o norte americano, o italiano e principalmente o alemão, como bem analisa Fraiçois Dosse.

O historicismo francês alimenta-se em grande parte, na escola historiográfica alemã, nas teses de Leopold Von Ranke da metade do século 19. Elas influenciaram bastante os historiadores franceses, que delas extraíram as bases teóricas. (DOSSE, 2003, p. 66)

Já que muito da historiografia dos Annales passa pela escola alemã, como cita Reis:

(...) na verdade, a escola francesa dos Annales não pode ser entendida sem se considerar a herança da escola histórica alemã. Os «grandes homens» dos Annales liam alemão e Bloch até mesmo estudou na Alemanha. (REIS, 2004, p. 101).

Ou porque não citar Braudel, quando este próprio, líder da segunda geração dos Annales cita a importância da historiografia alemã para os *Annales*, quando estes formados em Estrasburgo, ficaram expostos a um processo de germanização no campo da história. Sendo assim, pode-se afirmar que a Alemanha, tentava rivalizar com a França, principalmente através da Universidade de Estrasburgo, até então pertencente à Alemanha, durante o governo de Bismarck, tornando-a o símbolo da superioridade alemã sobre a cultura francesa.

Seria então fortuito o fato de Henri Berr, Lucien Febvre, Marc Bloch e eu mesmo sermos os quatro do leste da França? Que o empreendimento dos Annales comece em Estrasburgo, face a Alemanha e ao pensamento histórico alemão? (DAIX, 1995, p. 173).

O que estava em jogo naquele momento era uma disputa política, através do discurso, e das relações de força, principalmente pela disputa hegemônica da História, entre França e Alemanha. O contexto também se torna importante de ser analisado, pois esse período é marcado pelo crescente revanchismo entre as duas nações, período entre guerras, nacionalismos aflorados dos dois lados, que acabou levando a Segunda Guerra Mundial. Onde um dos fundadores da Escola dos Annales, Marc Bloch, que inclusive fazia parte da resistência francesa, analisa muito bem em sua obra intitulada *A Estranha Derrota*, escrito no campo de batalha em 1944.

Após a Guerra Franco-Prussiana, em 1871, com vitória dos alemães, percebe-se no Brasil uma influência significativa de autores alemães em contra ponto aos franceses, que até então dominavam o cenário nacional através de seus escritores, como cita Dosse (2003).

“A escola historicista francesa parece ter captado bem a doutrina cientificista de Ranke para obter a eficácia alemã, manifesta no desastre da França em 1870”. (DOSSE, 2003, p. 66).

José Carlos Reis, em *As identidades do Brasil 1*, nos mostra como se deu essa “germanização” da cultura brasileira no século XIX, e como esse fato acirrou um revanchismo francês em relação à Alemanha. Reis cita abaixo como o prestígio francês fora abalado pela derrota na guerra em terras brasileiras. (REIS, 2007).

O desfecho da guerra franco-prussiana abalou o prestígio da cultura francesa, e os intelectuais brasileiros se abriram às influências inglesa e alemã: Spencer, Darwin, Buckle, Ranke, Ratzel. Os franceses ainda influenciavam: Comte, Taine, Tarde, Renan, G. Le Bon. (REIS, 2007, p.89).

Dessa forma a região de Estrasburgo será de suma importância na germinação

e crescimento dos *Annales*, pois ali nascerão as ideias e as influências da escola alemã no projeto Frances. Como bem analisa Dosse, que o historicismo francês alimenta-se em grande parte, na escola historiográfica alemã, nas teses de Leopold Van Ranke da metade do século 19. Elas influenciaram bastante os historiadores franceses, que delas extraíram as bases teóricas. A escola historicista francesa parece ter captado bem a doutrina cientificista de Ranke para obter a eficácia alemã, manifesta no desastre da França em 1870. (DOSSE, 2003).

A Missão Francesa, a influência da historiografia dos *Annales* no Brasil

A missão francesa começa no século XIX, em 1896, por intermédio de missões científicas e culturais e da Aliança Francesa. Porém foi no ano de 1908, que a Universidade de Paris criou um grupo com objetivo de promover o intercâmbio acadêmico entre a França e a América Latina. Já nos anos da Primeira Guerra mundial esse intercâmbio foi bastante reduzido, em virtude do conflito, porém na década de 20 a influência francesa no Brasil volta ainda mais forte, principalmente no começo dos anos de 1930, onde o projeto francês no Brasil no campo universitário entra em conflito com outros projetos, como o italiano, alemão e norte-americano, toda essa disputa se intensifica principalmente na criação das primeiras universidades no Brasil, principalmente nas cidades do Rio e São Paulo. (FERREIRA, 1999). No ano de 2005, celebrou-se o ano da França no Brasil, quando completava-se 70 anos da criação da UDF e do primeiro curso universitário de História no Rio de Janeiro. Esse evento mobilizou mais de 2 milhões de franceses, e durante esse mesmo ano aumentou em 27% o número de turistas franceses no Brasil, simbolicamente esse fato reforça novamente como a missão francesa está presente até os dias de hoje em terras brasileiras.

A maior concorrência que os franceses sofreram foi do projeto italiano, pois o governo brasileiro e paulista vinham sofrendo grande pressão por parte de grupos italianos, propensos a desenvolver em terras brasileiras influências nas universidades que estavam sendo criadas, principalmente na Universidade de São Paulo. Pode-se dizer que o grande responsável por esse processo de vinda de professores franceses para o Brasil se resume na figura de George Dumas, que foi médico e psicólogo francês, que faleceu em 1946.

Com a fundação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934, da Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1935 e da Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) da Universidade do Brasil em 1939, organizaram-se afinal as missões universitárias francesas compostas não mais de conferencistas eventuais, mas de professores que iriam se transferir para o Brasil e tornar-se responsáveis por cursos completos. As articulações para a vinda dessas missões constam da documentação diplomática francesa a partir de 1934. (FERREIRA, 1999, p. 230).

Abaixo, Sérgio em um artigo intitulado *Cultura Brasileira*, publicado em 1951, no *Jornal Correio da Manhã*, nos relata da importância da chamada “missão francesa” no Brasil, onde segundo ele, foi de suma importância para criar no Brasil um novo modo de se fazer história, baseado em um novo modelo historiográfico. Bem distante daquele modelo positivista que

até então permeava por terras brasileiras.

A esse propósito não se poderá acentuar demasiado a influência que tem cabido nos últimos anos aos mestres estrangeiros contratados para os institutos universitários. Referindo-se a criação, em 1934 e 35, das nossas primeiras faculdades de filosofia e letras – a de São Paulo e a do Distrito Federal. (...) No que se refere a história, inclusive a história do Brasil, em seus diferentes setores, foi certamente decisiva e continua a sê-lo, sobre as novas gerações, a ação de alguns daqueles mestres: de um Jean Gagé, por exemplo, e de um Fernand Braudel em São Paulo; de um Henri Hauser e de um Eugène Albertini, na hoje extinta Universidade do Distrito Federal. (JORNAL CORREIO DA MANHÃ, 15 de julho de 1951).

No caso do Brasil, nota-se claramente um projeto Francês, ligado a Escola dos Annales, (que talvez seja no século XX o principal núcleo da historiografia contemporânea) numa tentativa de implantação nos trópicos de uma cultura europeia. Voltada principalmente para o etnocentrismo do homem branco, “salvador do mundo”, catequizador, civilizado e portador dos bons costumes. A USP foi estruturada em um momento decisivo dos *Annales*, mais precisamente no ano de 1929, o ano de sua criação. Esse projeto ficou conhecido como “A missão francesa”, uma tentativa talvez de tentar nos lembrar do nosso passado obscuro, não civilizado e anticristão, encontrado aqui no Brasil, nos primeiros anos de nossa colonização.

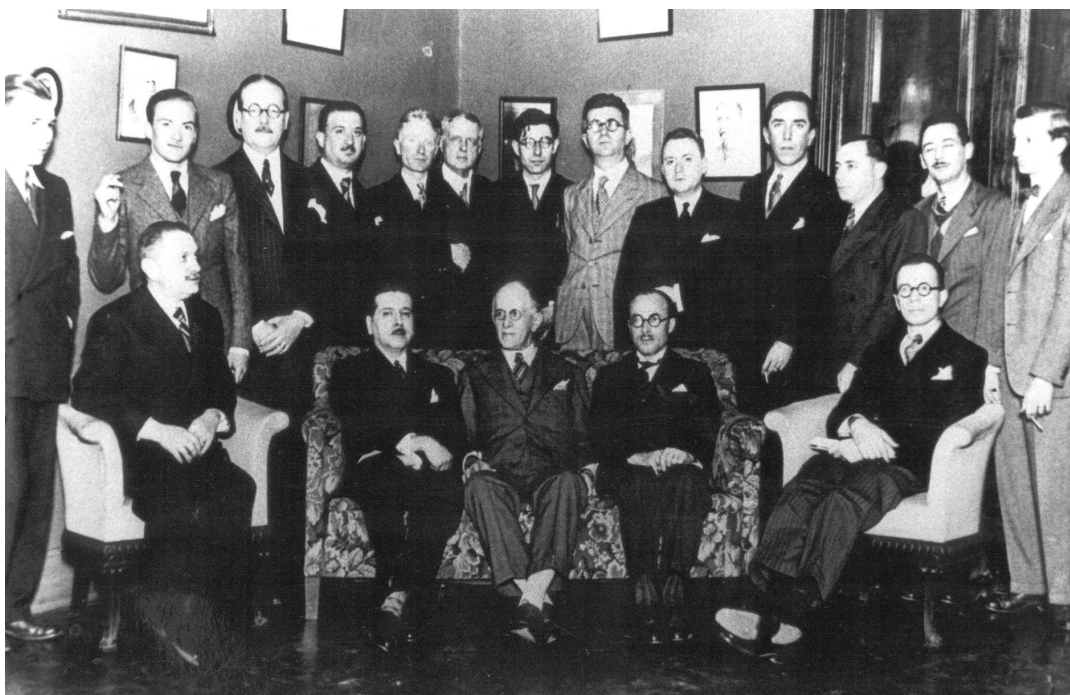


Figura 7: Professores da Missão Francesa no Brasil, que ajudaram na criação da USP, São Paulo, 1934.

Fonte: Foto: Acervo Caph/USP

Como bem cita Fernando Novais: “A palavra missão, evidentemente, mostra que éramos vistos como uma terra de índios que deviam ser catequizados. Não há outra explicação”. (NOVAIS, 1994, vol. 8, n. 22). A missão foi composta de pessoas de alta qualidade: Roger Bastide, Paul Arbousse-Bastide, Braudel, Lévi-Strauss, Pierre Monbeig

etc. O mais importante deles era Henri Hauser, que ocupava lugar de destaque na estrutura acadêmica francesa, saindo da Sorbonne em 1935, dando lugar a March Bloch na cadeira de História. (FERREIRA, 1999). Fato significativo é de Lucien Febvre e March Bloch sempre manterem contato com Hauser ao longo dos anos 20 e 30, além de manterem uma relação de respeito de admiração, conforme pode ser observada em correspondências trocadas entre os fundadores dos *Annales* e Hauser. Sendo Henri Hauser participante da revista dos *Annales* como redator.

Em 1937 e 1938, Hauser publicou vários artigos sobre o Brasil nos *Annales*. O primeiro deles versava sobre a figura de Maúa e intitulava-se “Um problème d’influences: Le Saint-Simonisme au Brésil”. (*Annales*, 1937, v. 9). Cabe salientar que Hauser foi a figura mais proeminente da “missão”, já beirando seus 70 anos de idade, era sem dúvidas o mais conhecido de todos que vieram ao Brasil, sendo inclusive já muito bem estabelecido e conhecido na França, sendo junto com Dumas, um dos maiores articuladores da missão francesa no Brasil.

No que se refere ao Brasil, Hauser também desempenhou um papel chave, pois, acionando sua rede de relações, não só indicou vários nomes para integrar as missões que vieram pra São Paulo (entre os quais Pierre Monbeig e Fernand Braudel), como foi um dos pioneiros a escrever e publicar sobre o Brasil na França, permitindo aos franceses uma “redescoberta” do Brasil. Em 1937, publicou na *Revue Historique* um ensaio bibliográfico sobre a historiografia brasileira, no qual discutia as obras dos principais historiadores do país, como Varnhagen e Capistrano de Abreu, e também divulgava os esforços de jovens estudantes universitários cariocas para criar um Centro de Estudos Históricos em 1936. (FERREIRA, 1999, p. 234).

Abaixo, Guimarães nos mostra como o intelectual Sérgio Buarque de Holanda, já com uma identidade uspiana, na década de 50, conseguiu transitar em meio a duas correntes historiográficas muito fortes na USP naquele momento. De um lado os braudelianos e de outro os marxistas comandados por Florestan Fernandes, sendo assim pode-se dizer que Sérgio Buarque vai representar uma terceira via de pensamento na Universidade de São Paulo.

Sua chegada a cátedra representou uma renovação e uma terceira via para a produção historiográfica uspiana, até então marcada por duas vertentes: de um lado, os tradicionalistas paulistas, herdeiros da historiografia do Instituto Histórico; do outro os “braudelianos”, próximos aos postulados dos *Annales*, marcados pela presença de Braudel na USP e sua subsequente ascensão na revista francesa. A abertura de Sérgio Buarque de Holanda ao diálogo teórico metodológico, que tanto o marcou, permitiu que mantivesse o respeito e influxo sobre membros das duas correntes, assim como também ocorreu com relação aos marxistas, que muito cresceram nos anos 60. (GUIMARÃES, 2008, p. 53).

Analisando esses pensadores franceses que chegaram a USP, fica claro que talvez não só eles trouxeram algo de novo e benéfico para o Brasil, talvez nossa terra tenha oferecido a eles algo muito maior do que eles nos ofereceram, o Brasil com toda sua peculiaridade cultural, através da música, da mestiçagem, da capoeira, do samba entre outros, forma esse “caldeirão cultural” que atrai e fascina sociólogos, historiadores e principalmente

antropólogos como é o caso de Levi-Strauss, que depois de estar no Brasil afirmou, em 1957: “Um ano depois da visita aos Bororo, todas as condições para fazer de mim um etnógrafo estavam satisfeitas”. Lembra que, num certo dia, recebeu um telefonema de um filósofo, seu professor, perguntando se continuava com a ideia de estudar índios. Diante da confirmação, esse professor disse: “Então, você precisa falar com Georges Dumas, pois ele está organizando uma missão que vai para uma Universidade em São Paulo, recém-criada; e nos arredores dessa cidade enxameiam índios”. Esse foi o critério para a escolha de Lévi-Strauss. É o caso do próprio Braudel, líder da segunda geração dos *Annales* e autor de uma obra clássica chamada *Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II*. (PEIXOTO, 2009). Abaixo Novais (1994) analisa a importância do Brasil na formação desses jovens intelectuais da missão francesa.

Agora, por que nós fomos bons para eles? Provavelmente porque gostaram do Brasil. Sempre me pergunto por que os estrangeiros, salvo raríssimas exceções, gostam do Brasil. Talvez a explicação seja a cordialidade brasileira, assinalada por Sérgio Buarque de Holanda. Outros franceses também fizeram os maiores elogios ao Brasil e aos brasileiros. Relembro os casos de Jacques Godechot e Albert Soboul. (NOVAIS, 1994, vol. 8, n. 22)

Alguns brasileiros citam exaustivamente outra afirmação feita por ele - a de que “se tornou inteligente no Brasil, em São Paulo especialmente”. Braudel líder da Escola no período pós-guerra e até fim dos anos 70, era visto como a figura exponencial dos *Annales*. Aqui Braudel, em 1936, mostra a visão que teve do Brasil, e como este o influenciou sobremaneira na construção de sua obra.

(...) músicos cegos, um povo que canta e dança. A miséria é algo que existe sobretudo no Norte, que é a mais bela região do Brasil. Assim foi que estive na Bahia, Bahia de todos os santos. Lá estando, é impossível deixar de entender. Diante de uma mesquita como a mesquita de Argel, entendo os elementos porque se trata de um trabalho, muito trabalho italiano, mármore, apliques de mármore, mas não entendo o que é uma mesquita, ao passo que entender as igrejas da Bahia é extremamente fácil: sinto-me a altura...O Brasil é a mesma civilização, mas não na mesma idade. Foi efetivamente o Brasil que me permitiu chegar a uma certa concepção da história que eu não teria alcançado se tivesse permanecido em torno do Mediterrâneo. (DAIX, 1995, p. 162).

Segundo relata Paulo Miceli (1998), professor da Unicamp, em fevereiro de 1935, Fernand Braudel chegava ao porto de Santos, a bordo de um luxuoso navio. Nascido no mesmo ano de outro intelectual, Sérgio Buarque em 1902, Braudel substituíra um professor da Sorbonne, recentemente falecido. Sendo assim, integrado a missão francesa encarregada de organizar a USP. Tinha início, uma estada de três anos no Brasil, como professor do curso de História da Civilização, tornando-se um dos grandes nomes da historiografia mundial no século XX. (MICELI, 1998). Segundo Braudel, o Brasil, principalmente o litoral paulista, reproduzia em sua mente imagens que o fizeram lembrar a vida camponesa na Idade Média francesa. Significativo notar como algo tão efêmero, como os vaga-lumes que via no Brasil, o ajudaram a esclarecer questões centrais e a compreender a essência da teoria dos *Annales*: “Os acontecimentos são como vaga-lumes nas noites brasileiras: brilham mas não aclaram”.

(O ESTADO DE SÃO PAULO, 1995, caderno2, p. D2).

Ainda segundo Miceli (1998), o Brasil foi de suma importância na criação de um clássico da historiografia mundial, escrito por Braudel, considerado por alguns a maior obra do século XX, pois no Brasil, Braudel encontrou uma outra sintonia, outra paisagem, diferente da Europa, já cansada e desgastada pela guerra quando Braudel chega ao Brasil em 1935. Uma vez perguntado se *O Mediterrâneo* foi escrito no Brasil, Braudel respondeu bem objetivamente.

Ao ser perguntado se sua tese sobre o Mediterrâneo fora escrita no Brasil, Braudel respondeu: “Foi. Grande parte dela. Eu tinha toda documentação. Os estudantes trabalhavam pouco e os professores também. Havia muitas distrações e feriados no Brasil. E como é possível a vida sem distrações? Um dia era festa de descoberta da América, depois festas de São João, etc. E não tinha aulas. Havia dias em que a faculdade estava fechada e isso não era minha culpa. Dessa forma, tinha muito tempo para ir escrevendo a tese escondidinho...”. (MICELI, 1998, p. 262).

Braudel passou três anos no Brasil, de 1935 a 1937, período definido por ele como “o mais feliz de sua vida”. E foi no retorno pra casa em 1937, que conheceu Lucien Febvre, vindo de Buenos Aires. Quis o destino que os dois se encontrassem no mesmo navio, com destino a Europa, que dois anos depois iria se ver novamente envolvida em um novo conflito, e novamente assim como em 1914-1918, ser completamente destruída, abrindo assim espaço para outras potências, como URSS e EUA. Já o Brasil a partir de 1937, tomado pela ditadura do Estado Novo, durante o governo Vargas. Porém o mais interessante de se notar foi a “adoção” de Febvre, em relação à Braudel como filho intelectual a partir daquele momento. (BURKE, 1990, p. 50).

Durante os três anos que permaneceu no Brasil foi professor da recém inaugurada Universidade de São Paulo. Dessa forma Braudel pode semear aqui em terras brasileiras um pouco de seu vasto conhecimento, e porque não pensar que foi uma troca, já que segundo o próprio Braudel, o Brasil o encantou desde o primeiro dia, com seu hibridismo, suas danças, sua cultura, e seu jeito peculiar de ser. Assim como Braudel, outros também se encantaram com a cultura heterogênea brasileira, esse “caldeirão” de misturas que é o Brasil, e que sem dúvida alguma, foi de suma importância na concretização humana desses intelectuais.

Além desses já citados, cabe destacar também a figura de Roger Bastide, que chega ao Brasil em 1938, para assumir as funções de professor de sociologia na Universidade de São Paulo. Muito inspirado pelas obras de Nina Rodrigues e principalmente em Gilberto Freyre, onde ele em sua tese de doutorado “As religiões africanas no Brasil”, vai travar um profundo dialogo com duas obras de Freyre, *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. Sendo assim ele vai desenvolver um trabalho muito forte ligado à antropologia e aos estudos étnicos raciais presentes no Brasil, principalmente nos terreiros de candomblé. Como diz Ruy Coelho: “o Bastide, como todos os outros professores franceses, nos endereçava ao Brasil”, ou como dizia o próprio Bastide: “Minha partida para o Brasil, onde eu esperava estudar as crises de possessão afro-americanas, não teve outra finalidade”. (PEIXOTO, 2009).

Significativo foi o fato de uma carta do historiador Pierre Mombeig, endereçada ao líder dos *Annales* Lucien Febvre em 1940, sugerindo que Gilberto Freyre fosse publicado na

França. Como relata o próprio Mombeig na carta: “Há no Brasil um sociólogo que se chama Gilberto Freyre que escreve boas coisas sobre o nordeste. Os *Annales* poderiam publicar um artigo dele. Eu penso que Hauser poderia dar a opinião dele sobre Gilberto Freyre”. (FERREIRA, 2011). Assim cita Burke, sobre a relação próxima de Freyre com os *Annales*.

Como Freyre chegou a desenvolver sua marca particular de história social? (...) Embora seu contato com a cultura francesa tenha sido para ele de grande importância, alguns nomes franceses óbvios serão mencionados aqui apenas para serem rejeitados como influências: Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel e Paul Vidal de la Blache. Em 1930, quando Freyre começou a trabalhar em Casa-Grande & Senzala, Bloch e Febvre ainda não tinham estabelecido suas reputações internacionais e Fernand Braudel, um mestre-escola na Argélia, era ainda virtualmente desconhecido. Foi somente no final da década de 30, quando Braudel veio à USP, que ele e Freyre encontraram-se e descobriram seus interesses em comum (BURKE, 1997, p.5).

Esse paralelo se torna interessante, pela similaridade entre a obra de Freyre, *Casa Grande e Senzala*, obra datada de 1933, com as obras dos *Annales*. O método historiográfico usado por ambas às partes se torna muito similar, quando se percebe como *Casa Grande e Senzala* foi concebida, é impossível não pensar no modelo historiográfico dos *Annales*, pois Freyre vai usar de maneira muito peculiar uma forma de se fazer história muito parecida com os franceses, como a história da vida privada, do cotidiano, cultura material entre outros, porém assim relata Burke em relação a essa semelhança.

Estas semelhanças de abordagem foram reconhecidas tanto por Febvre como por Braudel quando descobriram a obra de Freyre no fim dos anos 30. Freyre, no entanto, não estava imitando os *Annales* e nem Febvre ou Braudel o estavam imitando. Freyre aprendera seu estilo interdisciplinar na Universidade Colúmbia (BURKE, 1997, p.1).

Já a Universidade do Distrito Federal propunha chamar jovens talentos para lecionar, como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Mário de Andrade entre outros, além de professores Franceses. Segundo Antônio Cândido: “foi o mais belo plano de Universidade já criado no Brasil, porém o projeto foi massacrado pela direita católica e pela direita política, no qual eram bastante conservadores”. (CÂNDIDO, 2011).

Como cita o site da UFRJ, temos registros da presença e atuação de professores franceses, na UDF, em 1936, lecionando nas Escolas de Economia e Direito e de Filosofia e Letras. São eles: Émile Bréhier, Eugène Albertini, Henri Hauser, Henri Tronchon, Gaston Leduc, Etienne Souriou, Jean Bourcier, Jacques Perret, Pierre Deffontaines e Robert Garric na Escola de Ciências, registra-se a presença, em 1935 e 1936, de outros estrangeiros, como: Viktor Lenz e Bernhard Gross.

Entre os brasileiros, destacamos: além de Anísio, Afrânio Peixoto, Roberto de Azevedo, Hermes Lima, Lélío Gama, Josué de Castro, Gilberto Freyre, Lauro Travassos, Lúcio Costa, Heitor Villa-Lobos, Sérgio Buarque de Holanda, Abgar Renault, Antenor Nascente, Cândido Portinari, Heloisa Alberto Torres, Joaquim Costa Ribeiro, Lourenço Filho e Carneiro Leão.



Universidade do Distrito Federal

SBH
Vp 16 exal

APPROVO

Em 25 de Maio de 1936

Affonso Penna Junior

PORTARIA DE CONTRATO Nº 146-RU

O Reitor da Universidade do Distrito Federal, devidamente autorizado pelo Exmo. Sr. Prefeito, de acordo com o despacho exarado no ofício numero 108-RU, de 13 de Maio de 1936,

Resolve contratar o prof. SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA, para professor de Literatura Comparada, Secção de Línguas Estrangeiras da Escola de Filosofia e Letras, nos termos do Decreto nº 5.513, de 4 de Abril de 1935 e das Instruções que regulamentam a Universidade, bem como dos Estatutos a mesma relativos.

1.º prazo de prestação dos serviços ora contratados é de um ano letivo, de 15 de Maio do corrente ano a 30 de Abril de 1937. Em caso de desídia, negligencia, abandono de serviço ou falta no exercício dele, a juízo do Conselho Universitário, sera este contrato rescindido a qualquer tempo, não tendo o professor contratado direito a qualquer indenização por esse fato.

2.º contratado se obriga a prestar 12 (doze) horas de serviço semanais.

3. A Prefeitura se obriga a pagar ao contratado a importância de Rs. 1:600\$000 (um conto e seiscentos mil réis) mensais, correndo a respectiva despesa pela Verba 29 - Pessoal 4º do orçamento vigente.

4.º contratado deverá atender ao horario de serviço organizado pelo Diretor da Escola de Filosofia e Letras.

5. Cada falta ao serviço será descontada, nos vencimentos, a razão de 53\$000 (cincoenta e tres mil réis), salvo quando devidamente justificada.

6.º presente contrato não dá ao contratado a expectativa de qualquer direito futuro, nem lhe confere a qualidade de funcionario, com os direitos e vantagens que lhe são inerentes.

Distrito Federal, 13 de Maio de 1936

Affonso Penna Junior

Affonso Penna Junior.

Contrato da Universidade Federal, contratando Sérgio Buarque de Holanda como professor de Literatura Comparada da Escola de Filosofia e Letras da Universidade. Distrito Federal, 1936.

Fonte: Arquivo SIARQ-UNICAMP

Como declara Fernando Novais, “quando se diz que o surgimento da USP assinala a passagem do amadorismo para o profissionalismo nas ciências, isso é verdadeiro para Sociologia, Antropologia etc. No entanto, no caso da História, essa transformação não é assim tão nítida. Havia mais longa tradição e alguns historiadores de maior projeção, como Capistrano de Abreu. Deve-se levar em conta que, no Brasil, já se fazia História antes da

criação da USP”. (NOVAIS, 1994, vol. 8, n. 22)

REFERÊNCIAS

A UDF um breve histórico. <<http://www.fe.ufrj.br/proedes/arquivo/udf.htm>>. Acesso em: 28 de março de 2015.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989, A revolução francesa da historiografia*. São Paulo, Editora Unesp, 1990.

_____. *Gilberto Freyre e a Nova História*. Tradução: Pablo Rubén Mariconda. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 12 de outubro de 1997.

CANDIDO, Antonio. *Um Homem, duas Cidades*. Seminário “Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda”. Debate promovido pelo IEB/USP. São Paulo, 2011.

CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CHAUNU, Pierre. *Histoire, science sociale*, Paris, SEDES, 1974.

DAIX, Pierre. *Fernand Braudel: Uma Biografia*. São Paulo: Editora Record, 1995.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: Dos Annales a Nova História*. São Paulo: Edusc, 2003.

FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire*. 1953

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Os professores franceses e a redescoberta do Brasil*. Rio de Janeiro, 1999. (Artigo Científico).

_____. *A trajetória de Henri Hauser: um elo entre gerações. Estudos de historiografia brasileira*. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira. Rio de Janeiro, Editora: FGV, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. *A Modernidade Brasileira reconta as tradições paulistas. Sérgio Buarque de Holanda, Perspectivas*. MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). São Paulo: Editora Unicamp, 2008.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Introdução a Democracia. *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1951.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1870: Programa, Mito e Realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

JORNAL, O estado de São Paulo. *Em dois novos livros a trajetória de Braudel*. Caderno 2, 26 de Nov. 1995, p. D2.

MAGNOLI, Demétrio. *Uma Gota de Sangue: História do Pensamento Racial*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MICELLI, Paulo. *Sobre a História, Braudel e os vaga-lumes. A escola dos Annales e o Brasil (ou vice e versa)*. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*, São Paulo, Editora Contexto, 1998.

NOVAIS, Fernando. *Braudel e a Missão Francesa*. São Paulo: Estud. av. vol.8 no.22 São Paulo Sept./Dec. 1994. (Artigo Científico).

PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Um Enigma Chamado Brasil*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André (Org.). São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

REIS, José Carlos. *A História entre a Filosofia e a Ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC, vol.1*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Norbert Elias: um paralelo com Fernand Braudel*. In: LOPES, Marcos Antônio (Org.) *Grandes nomes da história intelectual*, São Paulo, Editora Contexto, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil: 1870 – 1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Comunidades Imaginadas*. In: ANDERSON, Benedict. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Annales 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86

Antropologia 29, 46, 61, 76, 77, 83, 85, 112, 119, 120, 124, 133, 134, 136, 137, 143, 153, 160, 163, 166, 196

Araweté 11, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

C

Camelôs 13, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25

Cidadania 69, 100, 102, 103, 104, 110, 121, 127, 130, 184

Ciência 26, 27, 29, 30, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 100, 113, 118, 154, 157, 158, 163, 165, 180

Complementaridades 26, 36, 150

Comunidade 1, 3, 5, 10, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 73, 74, 75, 101, 118, 125, 126, 130, 133, 210, 217

Conflitos 4, 19, 45, 47, 48, 51, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 93, 113, 132, 154, 217

Conhecimentos 9, 1, 2, 10, 26, 29, 30, 48, 52, 53, 91, 123, 126, 131, 137, 163, 173, 210

Crônica 88, 89, 90, 98, 191

D

Deleuze 143, 145, 146, 147, 152

Democratização 100, 104

Desenvolvimento 3, 6, 9, 17, 29, 43, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 65, 70, 92, 93, 105, 108, 109, 110, 114, 118, 123, 126, 127, 133, 171, 184, 191, 208, 214, 215, 217, 218, 219, 221, 223, 224

Diálogo 9, 26, 29, 30, 43, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 95, 103, 108, 109, 113, 127

Dicotomias 26, 33, 38, 41

E

Economia Solidária 1, 5, 6, 8, 130

Educação 45, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 119, 120, 126, 127, 130, 131, 134, 175, 207, 212, 227

Elementos 1, 3, 7, 8, 14, 15, 18, 19, 34, 36, 37, 46, 57, 66, 74, 82, 91, 92, 101, 112, 115, 124, 130, 161, 165, 166, 170, 198, 216

Etnocentrismo 71, 80

Extensão universitária 1, 6, 7, 9

F

Feira de Santana 13, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25

H

Habilidades 61, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 210, 220

I

Identidade 58, 75, 86, 111, 119, 120, 150

M

Mediação 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 162

Memória 4, 35, 56, 72, 123, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 189, 191, 192, 193, 194, 195

Missão francesa 71, 79, 80, 81, 82, 87

Mulher 54, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 185, 191

N

Nação 71, 72, 73, 74, 75, 159, 164, 176, 184, 204

Nobreza 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

O

Ossos Pélvicos 137

P

Pesquisa-ação 1, 2, 5, 104

Podcast 100, 104, 106, 110

Políticas públicas 56, 66, 121, 123, 126, 127, 128, 132, 133, 135

Povos indígenas 47, 57, 111, 112, 118, 148

Q

Quilombola 118, 119, 121, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 134

R

Região 5, 17, 20, 45, 46, 47, 49, 50, 54, 56, 57, 78, 82, 98, 130, 132, 136, 195

Rei 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 160, 162

S

Sexo 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 168, 185, 186

Sistemas complexos 26, 27, 37, 40, 42, 114

T

Terra 47, 48, 50, 51, 52, 55, 66, 80, 81, 97, 122, 123, 124, 125, 127, 132, 134, 147, 148, 149, 179, 180, 181, 183

Territorialidades 13, 14, 15, 56, 57

Trabalho 9, 12, 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 47, 48, 50, 53, 54, 57, 61, 62, 66, 82, 83, 91, 102, 108, 119, 121, 123, 124, 125, 132, 134, 144, 167, 169, 170, 171, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 186, 191, 192, 193, 201, 205, 208, 210, 216, 219, 221, 224

U

USP 25, 44, 57, 71, 75, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 153

V

Viabilidade 8, 59, 63, 66, 70

Vídeo 100, 104, 106, 107, 108, 109

Violência 51, 117, 123, 167, 168, 169, 167, 170, 171, 173, 174, 175, 184, 185

Viveiros de Castro 143, 144, 147, 148, 150, 151

 **Atena**
Publisher
2 0 2 0